

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS CECEN
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DE FIL
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

LUIS HENRIQUE FERREIRA COSTA

**O CONCEITO DE VONTADE A PARTIR DA FILOSOFIA DE ARTHUR
SCHOPENHAUER**

São Luís

2025

LUIS HENRIQUE FERREIRA COSTA

**O CONCEITO DE VONTADE A PARTIR DA FILOSOFIA DE ARTHUR
SCHOPENHAUER**

Trabalho de Conclusão de Curso pela
Universidade Estadual do Maranhão tendo
como objetivo o título de graduação em
Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. José Roberto Carvalho
da Silva.

São Luís

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Costa, Luís Henrique Ferreira

O conceito de vontade a partir da filosofia de Arthur Schopenhauer. / Luís Henrique Ferreira Costa . - São Luís, MA, 2025.

45 f.

Monografia (Curso de Filosofia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão.

Orientador: Prof. Me. José Roberto Carvalho da Silva.

1. Coisa-em-si. 2. Fenômeno. 3. Representação. 4. Vida. 5. Vontade. I.Título

CDU: 101.8

Elaborado por Luciana de Araújo CRB 13/445

LUIS HENRIQUE FERREIRA COSTA

**O CONCEITO DE VONTADE A PARTIR DA FILOSOFIA DE ARTHUR
SCHOPENHAUER**

Trabalho de Conclusão de Curso pela
Universidade Estadual do Maranhão tendo
como objetivo o título de graduação em
Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: **24/01/2025**

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSE ROBERTO CARVALHO DA SILVA

Data: 03/02/2025 22:28:44-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. José Roberto Carvalho da Silva

Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente

DANIEL BENEVIDES SOARES

Data: 03/02/2025 18:16:57-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Daniel Benevides Soares

Universidade Estadual Maranhão



Documento assinado digitalmente

KLISMAN LUCAS DE SOUSA CASTRO

Data: 03/02/2025 22:17:19-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. Klisman Lucas de Sousa Castro

Pesquisador independente

Ao meu Senhor Jesus Cristo que sempre esteve ao meu lado e a minha família que imensamente me deu todo suporte para estudar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Deus todo poderoso, que me concedeu a oportunidade de realizar e finalizar este curso, em segundo lugar sou eternamente grato aos meus pais a senhora Maria José Ferreira e ao senhor Raimundo Teotônio Costa, que procederam da zona rural da baixada maranhense, e chegaram à capital São Luís, tendo como meta buscar melhor qualidade de vida, concedendo-me total apoio sempre. Além disso de minha irmã Laís Rillary Ferreira Costa. Sendo assim, estes são os heróis de minha vida que me ensinaram a dar valor aos estudos e ser persistente mesmo diante das adversidades.

E agradeço a minha querida namorada, Laura Rosa Medeiros de Ataíde Costa, e a sua mãe, Deborah Medeiros de Ataíde Costa. Ademais, agradeço ao corpo docente deste curso e principalmente ao meu orientador professor José Roberto Carvalho da Silva que me contribuiu para minha formação acadêmica com uma gama de conhecimentos dentro da filosofia, instigando-me na leitura de Schopenhauer. E a secretária do curso Lindanir Jansen Fernandes Campos pelos trabalhos realizados no curso. Assim como todos os professores deste curso que contribuíram para proporcionar-me contato com as ideias filosóficas que fundamentaram a tradição Ocidental.

*“No vasto oceano da vida navegamos
diversamente: o roteiro é a razão, mas o vento é a
paixão”.*

Alexander Pope

RESUMO

O presente trabalho tem como escopo compreender o conceito de *Vontade* nas principais obras de Arthur Schopenhauer sobre o tema, tais como: *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente* (1813), *O mundo como Vontade de como Representação* (1818) e *Metafísica da Natureza* (1820), levando em consideração o percurso que o autor germânico introduz a fim de descobrir o enigma da vida e do *mundo*. Por meio da pesquisa bibliográfica, isso foi possível graças ao apoio teórico de diversos comentadores, como Barboza (1997, 2003, 2005), Mara L. Cacciola (1983) e Monteiro (2011), que forneceram ferramentas hermenêuticas para a execução de tal empreitada, a saber, responder ao seguinte problema: Como a Vontade se dá a conhecer pelo sujeito do conhecimento e quais os seus desdobramentos na condição humana? De início, será necessário a retomada da filosofia de Immanuel Kant, que serviu de alicerce para a construção da filosofia schopenhaueriana, apresentando, assim, as influências, mas também as críticas que o filósofo de Danzing executou diante de seu mestre. Em seguida, apontar o direcionamento do mundo visto como fenômeno para o mundo visto como coisa em si, ou seja, o mundo visto a partir de uma Vontade cósmica. E, por fim, encerrar, realizando apontamentos sobre os efeitos desta vontade para com as ações e volições humanas.

Palavras chave: Coisa em si; fenômeno; representação; vida; Vontade.

ABSTRACT

The present work aims to understand the concept of Will in Arthur Schopenhauer's main works on the subject, such as *On the quadruple root of the principle of sufficient reason* (1813), *The world as Will and as Representation* (1818) and *Metaphysics of Nature* (1820), taking into account the journey that the German author introduces in order to discover the enigma of life and the world. Through bibliographical research, this was possible thanks to the theoretical support of several commentators, such as Barboza (1997, 2003, 2005), Mara L. Cacciola (1983) and Monteiro (2011), who provided hermeneutic tools for carrying out such an undertaking. , namely, responds to the following problem: How does the Will make itself known to the subject of knowledge and what are its consequences in the human condition? Initially, it will be necessary to revisit the philosophy of Immanuel Kant, which served as the foundation for the construction of Schopenhauerian philosophy, thus presenting the influences, but also the criticisms that the Danzing philosopher made in front of his master. Then, he pointed out the direction of the world seen as specific to the world seen as a thing in itself, that is, the world seen from a cosmic Will. And, finally, to conclude, make notes on the effects of this will on human actions and volitions.

Keywords: thing in itself, appearance, representation, life, will.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A CRÍTICA DE SCHOPENHAUER A KANT: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONHECER A <i>COISA EM SI</i>	12
1.1 A doutrina kantiana da divisão do mundo entre <i>coisa em si</i> e <i>fenômeno</i>	12
1.2 Os limites da doutrina kantiana	15
2 A VONTADE COMO <i>COISA EM SI</i> DO MUNDO	22
2.1 O Corpo como Manifestação da Vontade.....	22
2.2 Natureza da Vontade	25
3 A EXPERIÊNCIA HUMANA DA VONTADE	33
3.1 A Vontade como Princípio Único e Cego.....	33
3.2 A Vontade como Fonte da Sofrimento	35
3.3 Dimensão ética	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), que, dentro da história da filosofia Ocidental, contribuiu de forma sólida em diversas áreas, como a teoria do conhecimento, a ética e, especialmente, a metafísica, que tem como objetivo responder ao *enigma* do universo.

A filosofia para Schopenhauer se apresenta como investigação que busca revelar o íntimo dos fenômenos que rodeia o mundo que conhecemos. Neste sentido, ao longo de anos que se passaram na história da filosofia, houve indagações a respeito da origem do universo e quais características permeiam a realidade. Os chamados pré-socráticos buscaram interpretar a realidade a partir da natureza sensível e, com isso, refletiram sobre o denominado princípio de todas as coisas, que compõe a totalidade do universo, situando assim a investigação do *cosmos*.

Logo em seguida, ocorre a segunda “navegação” efetuada por Sócrates que contribuiu para a análise antropológica, ou seja, uma filosofia que esteja preocupada com os anseios humanos, sendo esta fundamental para a compreensão das ações humanas e a interferência delas na dimensão política e ética. Prosseguindo para o período medieval, houve, no interior da filosofia, uma empreitada voltada à fundamentação da fé a partir da razão, com intuito de justificar racionalmente a existência de Deus. Neste período houve grandes anseios para uma maior compreensão do sobrenatural diante da perspectiva do natural a qual pertence a razão.

Posteriormente, no período moderno, que dentro da área da filosofia foi fortemente abalado pelas revoluções científicas, efetuou-se uma quebra de paradigma em que eixo teocêntrico será substituído pela concepção antropocêntrica. Neste sentido surge a compreensão de que o homem é o centro das questões, sendo este responsável por reflexões que prezam pela autoridade da razão.

Todavia, é a partir do século XIX que Arthur Schopenhauer observa diante da história de seus antecessores filósofos, que é preciso redirecionar o olhar para aquilo que é mais fundamental: a *vida*. Como questão principal, o problema mais elementar de toda a filosofia é de saber se a vida deve ou não ser identificada como um bem, e se ao todo deve ser preferida ou não (Schopenhauer, 2005). Para o filósofo alemão a vida é uma via necessária para se compreender o substrato do mundo que é a Vontade, que fundamenta a existência de todas as coisas. Neste sentido, Schopenhauer, diferentemente de seus contemporâneos, mais precisamente do chamado idealismo alemão, convoca uma investigação que busca compreender a existência do mundo, dos animais e da própria humanidade a partir de uma ótica metafísica imanente, buscando entender ontologicamente esses elementos.

Apesar de suas investigações, Schopenhauer foi um autor que alcançou sua fama tardiamente, tendo pertencido a academia e devotado alguns anos na carreira docente na universidade Berlim. Suas aulas não obtiveram êxito popular, sendo obscurecida pela eloquência da “filosofia do espírito absoluto” de Wilhelm Hegel. Este acontecimento será uma marcante para sua vida, pois revelara a sua crítica radical a filosofia do Hegel. Fica notória o compromisso de resgatar o legado de dois faróis do pensamento Platão e Immanuel Kant, afim de remediar a decadência que filosofia estava passando.

O seu sucesso será posterior a sua vida docente, já em sua velhice, quando irá chamar a atenção de vários intelectuais e jovens aspirantes a filósofo. Diante do exposto, este trabalho objetiva promover uma visão satisfatória do conceito de Vontade na filosofia de Schopenhauer, apontando a sua importância no cenário geral da filosofia, e explanando sua estrutura conceitual como tentativa complexa e arrojada de responder ao enigma do mundo. Em síntese, objetivamos encarar o seguinte problema: Como a Vontade se dá a conhecer pelo sujeito do conhecimento e quais os seus desdobramentos na condição humana?

Desse modo, no primeiro capítulo, denominado “A crítica de Schopenhauer a Kant: sobre a possibilidade de conhecer a *coisa em si*”, analisar-se-á as influências que Schopenhauer absorveu da filosofia kantiana, que serviram de alicerce para a edificação de sua filosofia. É importante ressaltar que o filósofo de Danzing aproveita as ideias de Kant em determinada parte, mais precisamente em sua epistemologia que considera a importância de avaliar o mundo a partir da percepção do sujeito. Entretanto, se para Kant o conhecimento do sujeito não pode acessar a *coisa em si* que está para além do espaço e do tempo, Schopenhauer dará um passo adiante, apontando para a possibilidade de o sujeito desvendar a essência íntima do universo.

Em seguida, no segundo capítulo, denominado “A Vontade como coisa em si do mundo”, sustentamos, com Schopenhauer, a centralidade do conceito de Vontade como solução ao problema da cognoscibilidade da *coisa em si*, analisando a sua discordância com relação à filosofia kantiana. A fim de responder o verdadeiro significado da coisa em si, Schopenhauer demonstra que o conhecimento intuitivo, mediado pelo corpo, orienta a encontrar a essência íntima de toda a realidade, possuindo vários desdobramentos dentro da natureza representacional, desde os seres inorgânicos até o ápice da vida animal, o ser humano.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “A experiência humana da Vontade” apresentará uma análise de como a Vontade como essência íntima afeta de forma particular o ser humano a fim de conduzir o homem ao lado volitivo da vida. Para Schopenhauer, o ser humano possui dois elementos, a razão que fabrica conceitos e pensamentos, e a Vontade que condiciona esses pensamentos e juízos, sendo assim, esta como condicionadora de toda a

ação do ser humano.

Com base nesta ideia, nasce dentro da condição humana a situação do querer insaciável, provocando, assim, dor e sofrimento, por causa da busca incessante por satisfação. Nasce a partir do exposto a filosofia pessimista de Schopenhauer que avalia como flagelo a existência humana, sendo necessário buscar atenuá-la a partir da via da ética, como haverá de ser exposto.

1 A CRÍTICA DE SCHOPENHAUER A KANT: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONHECER A COISA EM SI.

A partir das linhas que se segue neste capítulo, será analisado as influências que Schopenhauer absorveu da filosofia kantiana, que serviram de alicerce para a edificação da filosofia de Schopenhauer. No entanto, é importante ressaltar que o filósofo de Danzing aproveita as ideias de Kant em determinada parte, mais precisamente em sua epistemologia que considera necessário avaliar o mundo a partir da percepção do sujeito, que representa o objeto. Considerando assim, a divisão do mundo em noumeno e fenômeno, ou seja, entre aquilo é em si e aquilo se apresenta a percepção. Essa estrutura conceitual kantiana será a chave de leitura para construção do sistema filosófico de Schopenhauer.

1.1 A doutrina kantiana da divisão do mundo entre *coisa em si* e *fenômeno*

Neste primeiro capítulo, será abordada a relação da filosofia de Schopenhauer com a filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), cujas descobertas se tornaram um marco para a Modernidade. No entanto, além de Kant, o pensador grego Platão também serviu como modelo para a construção do edifício filosófico de Schopenhauer.

Kant se manifesta como herdeiro do pensamento iluminista, o qual revolucionou a Alemanha no século XVIII, dentro principalmente da área chamada “teoria do conhecimento”, que reivindica a análise do mundo a partir de um sujeito cognoscente.

A filosofia transcendental crítica é a base para toda filosofia kantiana, como estudo para compreensão do fenômeno de como o ser humano conhece o mundo e as coisas: Kant chama a ciência filosófica fundamental que ele concebeu de filosofia transcendental. “Para distingui-la da filosofia transcendental medieval, pode-se referir a ela como filosofia transcendental crítica” (Hoffe, 2005, p. 33). Inicialmente influenciado pela filosofia racionalista de Christian Wolf, na esteira de Descartes, afirmava que o conhecimento é acessível apenas por meio do uso exclusivo da razão.

A fim de corrigir os erros dos racionalistas, a partir das leituras do pensador escocês David Hume (1711-1776), a filosofia de Kant despertou do chamado *sono dogmático* que entendia apenas o aspecto do conhecimento como produto da razão. Por consequência, o ceticismo empirista de Hume direcionou Kant a uma análise mais profunda, levando em consideração a *sensibilidade*, que contribuiu para o conhecimento sensível da realidade.

O filósofo de Königsberg distinguia a filosofia das outras ciências, como física e matemática, pois enquanto estas obtinham objetos particulares para a sua investigação, a filosofia buscava entender, prioritariamente, o fenômeno do conhecimento, que no caso designa-se como processo sintético de *razão* e *sensibilidade* (Leite, 2015 grifo nosso).

Diante disso, a filosofia de Kant se inicia com a tarefa de conciliação de um debate filosófico que perdurou parte do século XV ao XVII, no qual os partidários de ambas as correntes, racionalismo e empirismo, poderiam alcançar uma resolução mediadora. Dessa forma, emergirá a corrente autônoma chamada de criticismo, que segundo o filósofo brasileiro Miguel Reale:

Era isso o que Kant chamava significativamente de *revolução copernicana*. Assim como Copérnico supera o sistema ptolemaico, colocando não mais a Terra, mas sim o Sol no centro de nosso sistema planetário, afirmava o filósofo germânico ser necessário romper com a atitude gnosiológica tradicional. Em lugar de se conceber o sujeito cognoscente como planeta a girar em torno do objeto, pretende Kant serem os objetos dependentes da posição central e primordial do sujeito cognoscente. Esta referência ao criticismo de Kant visa a mostrar a correlação essencial que existe entre o problema do objeto e o do método, até ao ponto de subordinar-se um problema ao outro: uma ciência viria a ser o seu método, porque o sujeito que conhece, ao seguir um método, criaria, de certa maneira, o objeto, como momento de seu pensar (Reale 2002, p.73 grifo do autor).

Neste sentido, a filosofia de Kant está embasada na relação entre *sujeito* e *objeto* que irá prevalecer ao longo de sua investigação. O *sujeito* como ser que conhece a realidade, observa está como *objeto* mediante as suas faculdades do *entendimento* e *sensibilidade*¹, que se utilizam como modo de formar a sua estrutura, sendo assim o *objeto* visto sob determinada ótica, a partir de determinado modelo.

A partir deste contexto, surge a filosofia de Arthur Schopenhauer que está situada no século XIX, em um período de intensas transformações sociais como o avanço no campo material com a era da Revolução Industrial, houve um rápido avanço nas ciências humanas, abrangendo um amplo espectro que inclui desde as ciências da vida até as ciências da cultura, além de englobar a geografia humana, as ciências econômicas e sociais e as ciências psicológicas (Vaz, 1998, p.131). No campo filosófico, com a ascensão de diversas vertentes filosóficas dentre as quais o *Idealismo alemão*, sendo Schopenhauer um crítico contemporâneo deste movimento em sua nação.

¹ Observa Kant, que existem dois troncos do conhecimento humano: a sensibilidade e o entendimento. Através da primeira se nos dão os objetos. Através da segunda, os pensamos. Isso é estabelecido por Kant com base na distinção dos filósofos antigos entre objetos sensíveis (*aisthetá*) objetos inteligíveis (*noetá*) (Kant, 2001).

No entanto, a filosofia de Schopenhauer principia-se em um ambiente de continuidade com a tradição alemã, que em seu olhar estava aos poucos decaído e perdendo o foco no maior de todos os filósofos modernos, Immanuel Kant. Segundo Schopenhauer (1999, p.120), “o maior mérito de Kant é a distinção entre o fenômeno e a coisa-em-si.”

Essa análise que Schopenhauer infere dentro do apêndice de *O mundo como Vontade e representação* que se chama *Críticas a filosofia kantiana*, considera que a filosofia tem maior momento de ascensão com a filosofia de Kant. A separação entre *fenômeno* e *coisa em si* está situada dentro da investigação moderna da teoria do conhecimento, em que os modernos, com o objetivo de entender como se origina os conceitos e ideias, formularam possíveis caminhos que identificaram dentro de seus sistemas filosóficos. Nesse sentido, Schopenhauer acompanha a sua geração no desenvolvimento de uma investigação dentro da teoria do conhecimento. Assim, a filosofia do mestre de Danzing está alicerçada na filosofia de Kant que, segundo Schopenhauer, resolveu o debate epistemológico da origem de nossas ideias “...com base na demonstração de que, entre as coisas e nós, está sempre ainda o intelecto, que faz com que elas não possam ser conhecidas segundo aquilo que seriam em si mesmas.” (Schopenhauer, 2005, p.120).

Diante desta tese, Schopenhauer demonstra que o conhecimento real do mundo se realiza por meio de uma mediação entre o mundo exterior, o *objeto*, e mundo interior identificado com o *sujeito*, tendo como intermediário o intelecto humano, o qual seria capaz de decodificar o conhecimento exterior. Como sublinha neste trecho:

Ao contrário, a dificuldade é e continua sendo simplesmente a cartesiana, ou seja, a de que o mundo que é a única coisa a nos ser dada é apenas ideal, isto é, consiste em meras representações em nossa mente; enquanto nós, indo mais adiante pomo-nos a julgar o mundo real, isto é que existe independentemente de nossas representações. (Schopenhauer, 2007, p. 11).

Essa filosofia fora base sólida para o nascimento do criticismo kantiano dentro do sistema schopenhaueriano. Todavia, este argumento da filosofia de Kant, segundo Schopenhauer, não necessariamente se manifesta como novidade dentro da tradição, pois Platão, no contexto da filosofia clássica, indicava a orientação para este olhar da separação entre o ideal e o real. Como ressalta no trecho a seguir:

Pois, inteiramente descoberta a partir de si mesma, ele (Kant) apresentou aqui, de maneira totalmente nova, por um novo lado e por um caminho novo, a mesma verdade que já Platão incansavelmente repete e expressa, na sua linguagem, na maioria das vezes, assim: este mundo que aparece para os sentidos não tem um verdadeiro ser,

mas apenas um incessante devir, ele é e também não é, e sua apreensão não é tanto um conhecimento quanto uma ilusão (Schopenhauer, 1999, p.121);

Em contrapartida, o filósofo de Danzing apresenta teses sobre alguns aspectos da investigação kantiana que, no seu entendimento, se revelaram falhos. Platão, na interpretação de Schopenhauer, compreende que o mundo exterior não possui um verdadeiro ser, ou seja, em virtude do movimento, o ser em sua plenitude não está presente. Devido a este fato, se configura em devir, que é o movimento por onde se efetiva o conhecimento apenas em sua forma ilusória. A critério de curiosidade, Schopenhauer identifica que o sentido testificado por Platão acerca da realidade ilusória do mundo também foi feito pela religião hindu de forma semelhante, observando que a ilusão é manifestada dentro do mundo. Em suas palavras:

É também um dos ensinamentos principais dos Vedas e dos Puranas a doutrina de Maya pela qual, não se entende outra coisa senão justamente o que Kant chama de fenômeno em contraposição a coisa em si, pois a obra de Maya é apresentada como este mundo no qual estamos, uma magia suscitada, uma aparência inessencial e inconsistente, comparável a ilusão de ótica e aos sonhos, um véu que envolve a consciência um Algo do qual é igualmente falso e igualmente verdadeiro dizer que ele é ou que ele não é (Schopenhauer, 2005, p.121).

Essa visão exposta por Schopenhauer tem algumas similaridades com as religiões orientais. Tal argumento se qualifica como orientação para o conceito de *Véu de Maya*². Neste sentido, ocorre uma síntese para origem do sistema filosófico schopenhaueriano da filosofia de Platão associada a Kant, finalizada em alegorias das religiões orientais. Schopenhauer enaltece o legado de ambas as tradições, revelando um apreço pelo que encontrou em comum entre elas. Retornando a Kant, a filosofia deveria ser lida pela ótica da separação entre *fenômeno* e *coisa em si*, que basicamente fora prenunciada pela filosofia de Platão.

1.2 Os limites da doutrina kantiana

No entanto, como destaca Schopenhauer, Kant falhou em determinadas conclusões que foram capitais dentro das áreas de epistemologia e ontologia. Schopenhauer indica que o primeiro erro da filosofia kantiana consiste em minimizar o valor do conhecimento intuitivo, demonstrando certa limitação na explanação na problematização. Como Cacciola destaca:

² “Em Schopenhauer, Māyā foi associada inicialmente a essa força criadora do mundo material. Ela gerou todos os seres como efeito de seu amor primordial, mas, concomitantemente, afastá-los-ia da verdade que se encontra na essência do universo. *N’O mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer escreveu que a “Māyā dos indianos, cuja obra e tecido é todo o mundo aparente, também foi parafraseada por amor” (Mesquita, 2018, p.185).

(...) de acordo com Schopenhauer, este diverso já se apresenta ligado na própria intuição empírica, pois o modo de ser do espaço e do tempo, formas a priori de toda intuição, é a continuidade das suas partes e momentos, já que ambos estão submetidos ao princípio de razão do ser (refere-se ao modo de ser do tempo e do espaço) (1983, p. 94).

Diante disso, o autor postula o conceito de conhecimento intuitivo e conceito abstrato. Assim em sua visão, o conhecimento intuitivo é voltado para a experiência imediata da realidade empírica, se qualificando como um conhecimento direto. Já o conhecimento abstrato está voltado exclusivamente para o juízo, ou seja, a formulação de conceitos que foram extraídos da realidade empírica, cujo caráter é de mediação. Desse modo, intuição e reflexão são os dois modos diferentes de compreender o processo de conhecer o mundo (Schopenhauer, 1999, p. 133).

A análise que Schopenhauer elucida a respeito de Kant busca aprimorar e dar continuidade ao legado do filósofo de Königsberg. Schopenhauer identifica, no sistema kantiano, o conceito de intuição com certa obscuridade, apresentando falta de clareza e precisão na hora de formular este conceito do conhecimento intuitivo que se integra no processo do conhecimento fenomênico com a finalidade de resolução do problema da distinção entre o *fenômeno* e a *coisa em si*. Sendo assim, a filosofia de Kant se sucede como pensamento chave para a construção da filosofia de Arthur Schopenhauer, apesar das discordâncias.

Examinando os dois conceitos básicos, *fenômeno* e *coisa em si*, dentro da investigação kantiana, busca-se entender a realidade a partir do olhar em que o indivíduo tem para com o objeto. Nesse sentido, o objeto é intuído através da afetação que sofre no espírito do homem que é o sujeito³. Este, a partir da faculdade do entendimento, busca formular conceitos e ideias, concebendo assim o fenômeno. No entanto, o filósofo prussiano percebeu que a compreensão da totalidade da realidade não se faria possível, pois diante da relação sujeito e objeto, o que conhecemos é apenas a realidade intuída do fenômeno, assim inviabilizando o conhecimento da *coisa em si*. Dessa forma, a dualidade *entendimento* e *sensibilidade* molda a realidade subjetiva, o que Kant aborda nesta passagem:

[...] sem entendimento não haveria em geral natureza alguma, ou seja, unidade sintética do diverso dos fenômenos segundo regras; na verdade, os fenômenos, como tais, não podem encontrar-se fora de nós, mas existem apenas na nossa sensibilidade. (Kant, 2001, n.p).

³ Na *Crítica da razão pura* Kant apresenta que; “Esta intuição, porém, apenas se verifica na medida em que o objeto nos for dado; o que, por sua vez, só é possível, [pelo menos para nós homens,] se o objeto afetar o espírito de certa maneira” (Kant. 2001, p. 87).

Diante disso, embora seja provável a existência de *uma coisa em si*, ou seja, uma realidade objetiva e exterior à existência do sujeito, esta não tem acesso direto a ela, resultando assim um obstáculo em conhecer o real de forma autêntica. Devido aos fenômenos, como experiências possíveis residem, pois, *a priori*, no entendimento e recebem dele a sua possibilidade formal, da mesma forma que, como simples intuições, residem na sensibilidade e apenas são possíveis por ela, quanto à forma (Kant, 2001). Como reação a essa análise kantiana, Schopenhauer apesar de concordar com a formação do fenômeno como algo criado partir da relação sujeito e objeto, salienta que a *coisa em si* é cognoscível, sendo algo que existe e considera como a chave-mestra para entender o enigma do universo.

Para Schopenhauer, a *coisa em si* será tema de sua investigação no seu segundo livro *O Mundo como Vontade e Representação*. No entanto, vale ressaltar que o autor antes de se debruçar no problema formulado por Kant, em sua tese de doutorado denominada *A quadrúplice raiz de princípio da razão suficiente*, de 1813, cujo principal argumento é que o mundo está inserido na realidade fenomênica, ou seja, na relação sujeito-objeto, todavia o objeto é dividido em quatro classes organizadas de acordo com o princípio da razão que está inserido⁴. Com maturidade intelectual após essa obra, o autor germânico, em *O Mundo como Vontade e Representação*, apresenta a análise do conceito de representação intuitiva, que será tema ao longo da sua exposição. Schopenhauer infere que no livro I já havia exposto o conceito de representação abstrata, como uma espécie de conhecimento distinto da intuição e que, por ventura, é complementar a este conhecimento, afirmando assim que:

Como da luz imediata do sol à luz emprestada e refletida da lua, passaremos agora da representação intuitiva, imediata, autossuficiente e que se garante a si mesma, à reflexão, isto é, aos conceitos abstratos e discursivos da razão, que têm seu conteúdo apenas a partir e em referência ao conhecimento intuitivo (Schopenhauer, 2005, p.81).

Esses dois conceitos de conhecimento intuitivo e conhecimento abstrato estão em conexão, pois revelam a possibilidade fenomênica do mundo. O conhecimento abstrato não dispõe de uma independência própria, uma vez que está atrelado necessariamente ao

⁴ O princípio de razão - *nihil est sine ratione cur potius sit, quam non sit*.- "nada é sem uma razão pela qual é", e que se aplica à totalidade dos fenômenos, possui, segundo Schopenhauer, quatro raízes. Daí o tema do seu doutorado, sobre a quádrupla raiz do princípio de razão suficiente. As suas raízes são: 1) "princípio de razão de devir": a ele estão submetidas as representações da realidade, isto é, da experiência possível; 2) "princípio de razão de conhecer": a ele estão submetidas as representações de representações, isto é, os conceitos; 3) "princípio de razão de ser" (aqui mencionado): a ele estão submetidas a parte formal das representações, isto é, as intuições das formas do sentido externo e interno dadas a priori, o espaço e o tempo; 4) "princípio de razão de agir": a ele está submetido o sujeito do querer, isto é, o seu agir conforme a lei de motivação (Schopenhauer apud Barboza, 2005).

conhecimento intuitivo, em razão de o conhecimento abstrato recolher informações que estão presentes na experiência empírica revelada pelo conhecimento intuitivo.

[...] os conceitos pegam de empréstimo o seu estofo do conhecimento intuitivo, e, por conseguinte, todo o edifício do nosso mundo de pensamentos repousa sobre o mundo das intuições[...]. As intuições fornecem, portanto, o conteúdo real de todo o nosso pensamento, e em toda parte, onde elas faltam, não tivemos conceitos na cabeça, mas simples palavras (Schopenhauer, 2005 p.85).

Dentro do conhecimento intuitivo existe o intuitivo puro, voltado para faculdade da sensibilidade, e conhecimento intuitivo empírico (ou representação empírica), voltado a faculdade do entendimento. Em último está o conhecimento abstrato que tem como principal característica formular dentro da faculdade da razão os conceitos, juízos e ideias para sustentação racionalizada dos fenômenos, a partir daquilo que fora captado pelos sentidos. A reflexão, ou seja, os conceitos abstratos e discursivos da razão, obtêm seu conteúdo somente a partir do conhecimento intuitivo e em relação a ele (Schopenhauer, 2005, p. 81).

Essa representação abstrata, assim como todo o objeto do conhecimento, possui uma raiz no princípio de razão, que estaria localizado no princípio de razão do conhecer, ou seja, uma representação determinada por outra representação, recebendo as informações necessárias para a formulação que dá sentido a outra representação, tal qual argumentação silogísticas que, a partir de duas premissas, busca apontar uma conclusão (Souza, 2015, p.98). Em seguida, Schopenhauer demonstra a importância do conceito de representação intuitiva, responsável pela experiência sensível, que se divide em pura e empírica.

A representação intuitiva pura se qualifica como sendo o que Kant se refere ao transcendental, ou seja, as condições de possibilidades das experiências, na qual as formas puras sustentam a possibilidade no processo do conhecimento que possui como agente principal a faculdade da sensibilidade pura (Souza, 2015, p. 71). Já na intuição empírica “as formas gerais do objeto, as condições formais do objeto — que, livremente inspirado em Kant, Schopenhauer considera como sendo o tempo, o espaço e a causalidade — deduzem-se do sujeito, e encontram-se a priori na sua consciência” (Souza, 2015, p. 124).

Nessa perspectiva, Souza (2015) compreende que Schopenhauer pretende demonstrar como Kant estava correto em perceber que o fundamento do fenômeno está nas três categorias: tempo, espaço e causalidade⁵, sendo ambas estruturadas num olhar da percepção do sujeito em relação os objetos da realidade empírica, estando localizadas dentro da mente do sujeito. O

⁵ “Entretanto, o idealismo transcendental não contesta absolutamente a *realidade empírica* do mundo existente, mas diz que ela não é incondicionada, uma vez que tem como condição nossas funções cerebrais das quais surgem as formas da intuição e, portanto o tempo, o espaço e a causalidade”. (Schopenhauer, 2007, p.122)

tempo tem como conceito de duração dentro de determinado local que se qualifica como o espaço, na qual a causalidade movimenta a cadeia de causa e efeito que ocorre dentro do mundo fenomênico. A análise do autor germânico interpreta que sem estas três categorias não existe a possibilidade de haver uma gnosiologia, ou seja, produção de conhecimento.

Em seguida, Schopenhauer investiga como este conceito de representação intuitiva empírica se manifesta aos seres vivos, sendo estes afetados por impressões sensíveis. A partir deste pensamento, Schopenhauer se situa na esteira da filosofia moderna como sucessor de Kant e da tradição empirista, pois se fundamenta em ambas, buscando maior solidez em argumentar na contramão do idealismo alemão. Além disso, Schopenhauer acredita que a representação do mundo empírico feita por meio da intuição se torna possível a partir da noção de causalidade, que expressa as modificações que geram dentro do espaço e tempo. Respectivamente, ambas as categorias de espaço e tempo estão dentro dessa lei de causalidade, fazendo efeito dentro dos objetos reais, ou seja, ao se relacionarem os objetos se transformam entre si. Causa e efeito movimenta toda a estrutura da realidade empírica. Assim, Schopenhauer verifica que a representação da intuição empírica afeta os sujeitos do conhecimento por meio de um veículo que está presente em toda a natureza visível, e este intermédio se apresenta como o corpo:

De fato, a busca da significação do mundo que está diante de mim simplesmente como minha representação, ou a transição dele, como mera representação do sujeito que conhece, para o que ainda possa ser além disso, nunca seria encontrada se o investigador, ele mesmo, nada mais fosse senão puro sujeito que conhece (cabeça de anjo alada destituída de corpo). Contudo, ele mesmo se enraíza neste mundo, encontra-se nele como indivíduo, isto é, seu conhecimento, sustentáculo condicionante do mundo inteiro como representação, é no todo intermediado por um corpo (Schopenhauer, *apud* Oliveira, 2022, p.142).

No entanto, este corpo se constitui como sendo diferente da causalidade material, pois está voltado aos animais, sendo estes considerados como objetos imediatos do conhecimento. O corpo, dentro da filosofia do autor alemão, possui uma realidade mais que evidente, sendo este único indivíduo real no mundo, único objeto da chamada Vontade e, conseqüentemente, único objeto do sujeito (Schopenhauer, 2005).

O corpo está submetido à *coisa em si* que Schopenhauer identifica como sendo a Vontade (*Wille*), a qual será o cerne da filosofia schopenhaueriana. O corpo funciona como um agente que é moldado pela força impulsiva que a Vontade executa dentro da natureza empírica. Nesse sentido, existe um elo entre a Vontade que domina as diversas modalidades da vida, e os corpos dos seres vivos, que são conduzidos por tal força. Portanto:

(...) se analisarmos a realidade desse corpo e suas ações, então encontraremos, tirante o fato de ser nossa representação, nada mais senão a vontade. Aí se esgota toda a sua

realidade mesma. Logo, não podemos encontrar em nenhuma parte realidade outra para atribuir ao mundo dos corpos. Assim, se este ainda deve ser algo mais que mera representação, temos de dizer que, exceto a// representação, portanto em si e conforme sua essência mais íntima, ele é aquilo que encontramos imediatamente em nós mesmos como vontade (Schopenhauer, 2005, p.159).

O conceito de Vontade tem íntima ligação com seu operador que é o corpo. Para Schopenhauer, apenas é possível intuir a manifestação da Vontade a partir da consciência corporal do indivíduo. Esse processo ocorre devido aquilo que o filósofo alemão compreende como *objetividade* da Vontade, através da qual a *coisa em si* realiza ação sobre o corpo. Os componentes do corpo como o cérebro, os nervos e a medula espinhal são condicionados pela força da Vontade, que dentro desta dimensão corporal, busca a autoconservação, regulando a relação do organismo como o mundo exterior (Schopenhauer, 2015). Portanto, para o pensador alemão, a *Vontade*, verdadeira essência, revela ser fundamento de todas as coisas em contraste à aparência (representação), conferindo a qualquer indivíduo que reflita de modo introspectivo a conclusão de que sua experiência está imersa nessa essência.

Nesse sentido, o organismo se encerra como ponto central, pois manifesta a dimensão metafísica de todos os seres da natureza, apenas tendo como diferenciação dos graus dessa única Vontade. Portanto, observar-se que Schopenhauer busca, de forma diferenciada dos seus antecessores da filosofia Ocidental, investigar sobre como o irracional se apresenta ao racional, sendo este último secundário comparado ao lado irracional, que na visão do autor germânico se qualifica como primário. Em vista disso, ocorre uma análise do aspecto irracional, identificando a intuição em face da inteligência. Como observa-se neste trecho:

Os membros do organismo tanto imediatamente objetos de sensação quanto intuídos por meio dos sentidos só o são no // cérebro. — Correspondentemente, pode-se dizer: o intelecto é o fenômeno secundário, enquanto o organismo é o fenômeno primário da vontade, vale dizer, o seu aparecimento imediato; — a vontade é metafísica, o intelecto, físico; — o intelecto é, como seus objetos, simples aparência; coisa em si é unicamente à vontade (Schopenhauer, 2015, p.243).

Diante disso, a Vontade se expressa em toda realidade por meio de sua força motriz metafísica, a qual Schopenhauer confere um caráter de imanência⁶, perpassando toda a realidade global. A partir desta afirmação, a tese schopenhaueriana será considerada apoio teórico chave para se compreender o enigma que é a mundo. Nesse sentido, a filosofia de

⁶ O dicionário Abbagnano descreve: “O segundo significado desse termo corresponde ao emprego que Kant faz do adjetivo, chamando de imanes ‘os princípios cuja aplicação se tem em tudo e por tudo dentro dos limites da experiência possível’, contrapondo-se, portanto, aos princípios ‘transcendentes’, que ultrapassam esses limites (Crit. R. Pura, Dialética, Intr., I; Prol, § 40)” (2007, p. 540)

Schopenhauer compreende o mundo a partir da dualidade *mundo como representação* (*Vosterlung*), na qual se insere a figura do fenômeno e a figura da Vontade, voltada à dimensão da *coisa em si*.

2 A VONTADE COMO *COISA EM SI* DO MUNDO

Neste capítulo será abordado a centralidade do conceito de Vontade, como solução ao problema cognoscibilidade da coisa em si, analisando a sua discordância em relação a filosofia kantiana, que avalia como não ter conseguido compreender de forma clara este conceito. A fim de responder ao problema do verdadeiro significado da coisa em si, Schopenhauer demonstra que este é o conhecimento intuitivo mediado pelo corpo que orienta a encontrar a essência íntima de toda a realidade, possuindo vários desdobramentos dentro da natureza, desde seres inorgânicos até o ápice do mundo animal em que figura o ser humano.

2.1 O Corpo como manifestação da Vontade

O corpo, segundo Arthur Schopenhauer, está inserido na categoria de objeto imediato, no qual ele é receptáculo, dependente da intuição de todos os objetos da experiência, os quais serão objetos apenas mediatos. Assim, tais objetos apresentam-se partir do processo de mudanças que ocorrem no corpo por meio dos órgãos sensoriais que, por definição, se equivale ao processo de sensação (Soares, 2009, p. 43). Portanto, o corpo, dentro do aspecto de objeto imediato, serve como intermediário entre as representações imediatas e as representações reais. Assim, as representações imediatas se referem as representações do sujeito em relação ao objeto, levando em consideração a intuição temporal (interna) que está no interior dos seres viventes. E as representações de coisas reais são as que estão além de nós, ou seja, no lado exterior, direcionada à dimensão da espacialidade (Soares, 2009, p. 43).

Em vista disso, de volta ao conceito de corpo, Schopenhauer qualifica o corpo como ser, objeto de intuição, por consequência *representação*. Destarte, a noção de corpo em Schopenhauer situa este elemento dentro de duas modalidades de representação, uma estando voltada para os objetos imediatos por meio da sensação do corpo, e outra direcionada como objetos entre outros objetos, sendo uma representação da coisa real, como aqui ele confirma:

Aqui, portanto, o corpo nos é objeto imediato, isto é, aquela representação que constitui para o sujeito o ponto de partida do conhecimento, na medida em que ela mesma, com suas mudanças conhecidas imediatamente, precede o uso da lei da causalidade e assim fornece a esta os primeiros dados (Schopenhauer, 2005, p. 63-63).

Portanto, observa-se o duplo caráter do corpo: por um lado ligado aos outros objetos do mundo, portanto estando na exterioridade; por outro lado, como função mediadora em

relação aos outros objetos. Todavia, a ação da Vontade revela o movimento do corpo se diferenciando somente do modo de conhecer dentro da representação, ou seja, mundo fenomênico. Dessa forma, para Schopenhauer:

Os movimentos do corpo não passam da visibilidade dos atos isolados da vontade, surgindo imediata e simultaneamente com estes, constituindo com eles uma única e mesma coisa, diferenciando-se deles, no entanto, apenas pela formada cognoscibilidade que adquiriram ao se tornarem representação (Schopenhauer, 2005, p.164).

Conforme o autor, a Vontade, embora seja por definição a *coisa em si*, por consequência se expressa dentro do âmbito fenomênico, ou seja, dentro do mundo do princípio de razão suficiente, representações são engendradas a partir da intuição que o corpo compreende. Portando, ocorre a manifestação da Vontade dentro do aspecto da teoria do conhecimento, sendo o corpo o principal agente mediador. Além do mais, o corpo está situado como representação em submissão aos desígnios da Vontade.

Destarte, Schopenhauer aborda de forma ímpar que mesmo a Vontade como detentora de impulsionamento volitivo nos corpos dos seres orgânicos, somente se alcança uma parcial clareza, ainda incognoscível, no entanto mais esclarecida ao ser comparada aos animais irracionais. Como interpretará Simmel⁷ no seguinte trecho:

(...) estritamente interpretado, Schopenhauer não reconhece em nós mesmos como a vontade como coisa em si, pois esta é incognoscível, sendo a vontade consciente somente um fenômeno. Nesse fenômeno, porém torna-se menos denso o véu impenetrável que envolve nosso Ser absoluto e o restante da natureza (Simmel, 2011, p. 52.).

O corpo como agente intermediador é perturbado pela ação da Vontade, através de movimentos veementes que é exercido pelos afetos e pela paixão, as quais irradiam mudanças nos órgãos sensoriais do corpo, modificando suas funções. Nesse sentido, o filósofo de Dazing compreende que, embora a Vontade explique a ação do corporal, ainda assim não é suficiente a interpretação da justificativa racional para a ação de tais motivos. Nesse caso, o pensador alemão busca fundamentação para a explicação etiológica⁸ dentro da área da fisiologia, a qual

⁷ George Simmel (1858- 1918) sociólogo e filósofo alemão pertencente a geração de intelectuais que estabeleceu a sociologia como disciplina acadêmica. Professo na universidade Berlim e de Estrasburgo obteve interesse muito vastos com incursões sistemáticas sempre originais pela filosofia a história da arte e outras áreas. Em 1906 realizou um ciclo de conferencias sobre Schopenhauer e Nietzsche, publicando em formato livro (de mesmo nome) pela primeira vez em Leipzig no ano seguinte.

⁸ Segundo dicionário filosófico de Abbagnano “etiologia é a pesquisa ou determinação das causas de um fenômeno. Esse termo é usado quase exclusivamente em medicina.” (Abbagnano, 2007, p. 387).

fornece melhores indícios de como perpassa a Vontade dentro da Natureza, identificando o movimento exterior que afeta o interior do sujeito.

Segundo pesquisa rigorosa feita por Schopenhauer em relação a natureza, a metafísica (a Vontade) molda e está presente nas hipóteses científicas da fisiologia, que observa os fenômenos a partir de suas causas orgânicas. Tal visão retrata a forma como o filósofo germânico observa a filosofia, vendo-a como compreensão do físico para o metafísico, apontando a importância da metafísica imanente como força motriz da natureza orgânica. Como relata no trecho:

De modo geral, como foi elucidado antes, cada explanação etiológica só pode fornecer a posição necessariamente determinada no espaço e no tempo de um fenômeno particular, seu aparecimento necessário conforme uma regra fixa. Mas por essa via a essência íntima do fenômeno permanece sempre infundada, sendo pressuposta por qualquer explanação etiológica, e apenas indicada pelo nome força, lei natural ou, caso se trate de ações, caráter, vontade (Schopenhauer, 2005, p.166).

A partir desse argumento, o pensador alemão demonstra que a essência íntima permeia não só as manifestações físicas e metafísicas como também movimento ético das ações humanas, pois impulsiona estas, determinando as suas motivações ou também seus desgostos. Essa análise do *Mundo como Vontade e como Representação* sobre a manifestação ética da Vontade é, segundo Schopenhauer, a chave para interpretar o enigma do mundo. Todas as coisas estão submetidas a esta força cega e infundada, ou seja, não possuindo um *telos*⁹, sem objetivos racionalmente premeditados, além disso não tendo em si uma origem divina. Assim, a Vontade está presente:

Em tudo está presente: na Lei de Gravitação universal, nos fenômenos da natureza, na origem de descargas elétricas, na fonte do magnetismo, na atração repulsão dos corpos, nos fenômenos químicos, na "mágica" que faz com que alguns vegetais se voltem à procura de luz do sol, na fotossíntese, nas larvas dos escaravelhos escavam troncos para se metamorfosearem (Monteiro, 2011, p. 28).

É nessa perspectiva que está fundamentada a noção de *coisa em si*, sendo esta não só encontrada dentro da teoria do conhecimento com a relação sujeito e objeto, mas estando completamente voltada para toda a realidade do cosmos. Schopenhauer, nesse sentido, se apresenta na tradição filosófica como um pensador disposto a encontrar repostas sobre todos os fenômenos que encobrem a natureza. Isso posto, a natureza se revela como mistério ao homem,

⁹ Derivando da palavra grega (τέλος) que segundo dicionário de Abbagnano a área da “teleologia é um termo que foi criado por Wolff para indicar a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas” (I.og.,1728, Disc. prael., § 85). O mesmo que finalismo (v.). (Abbagnano, 2008 p, 943).

que diante de sua imensidão, busca compreendê-la a partir de categorias racionalizadas, criando, assim, as ciências naturais. No entanto, para Schopenhauer estas ciências se revelam insuficientes em descobrir o âmago que movimenta toda a realidade. Salientando a importância da filosofia em relação a divisão das ciências (ciências puras e ciências empíricas), demonstrando que:

A filosofia, ou metafísica, como doutrina da consciência e do seu conteúdo em geral ou do todo da experiência enquanto tal não entra na série (divisão das ciências); porque não se dedica sem mais à consideração exigida pelo princípio de razão, mas antes tem a este mesmo como problema. Deve ser vista como o baixo fundamental de todas as ciências, porém é de tipo superior a estas, e quase tão afim à arte quanto às ciências (Schopenhauer, 2015, p. 155)

A partir dessa inferência, o autor se debruça na busca da essência íntima que é identificada pela Vontade.

Portanto, a partir da reflexão voltada a área da ontologia, o autor afirma categoricamente que a expressão máxima da Vontade está na vida. Para ele, o conceito se caracteriza pela forte evidência de sobrevivência, uma busca por sempre se afirmar diante dos desafios da existência a partir da Vontade, a qual não se dirige às convenções racionais, mas que pauta o homem no querer e no sentimento de posse e domínio diante da vida (Monteiro, 2011, p.29).

No próximo capítulo será abordada de forma mais aprofundada essa dimensão da análise de Schopenhauer sobre o conceito de Vontade, explicitando-se suas características, gradações e formas de manifestação dentro da natureza orgânica e dentro do ser humano, sendo esta última a manifestação mais fundamental.

2.2 Natureza da Vontade

A filosofia de Arthur Schopenhauer, especialmente em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, apresenta uma teoria do conhecimento profundamente influenciada por Immanuel Kant e sua *Crítica da Razão Pura*. No entanto, Schopenhauer não se limita a replicar as ideias de Kant, mas sim as reinterpreta e reelabora de forma criativa, estabelecendo sua própria perspectiva original, conforme observou-se no capítulo anterior.

Assim, conforme Barboza (2005), Schopenhauer reconhece a importância fundamental da obra de Kant na construção de sua própria filosofia. Ele aceita a ideia kantiana de que o conhecimento humano é limitado pelas estruturas *a priori* da mente, ou seja, as formas puras da intuição (espaço e tempo) e as categorias do entendimento.

Barboza (2005) ainda aponta outra mudança fundamental que diz respeito às categorias do entendimento. Segundo o autor, Kant propõe doze categorias enquanto Schopenhauer as reduz a uma única: a *causalidade*. Essa simplificação radical reflete a crença de Schopenhauer na primazia da Vontade como força motriz do universo. Ao transferir tempo e espaço para o entendimento e reduzir as categorias a uma só, Schopenhauer unifica as faculdades da sensibilidade e do entendimento, que em Kant eram consideradas distintas. Essa unificação se manifesta no conceito central da filosofia schopenhaueriana: o *princípio de razão suficiente*. Assim, Schopenhauer nos diz: “O entendimento é o mesmo em todos os animais e homens, possui sempre e em toda parte a mesma forma simples: conhecimento da causalidade, passagem do efeito à causa e desta ao efeito, e nada mais” (Schopenhauer, 2005, p.64).

O princípio de razão, segundo Schopenhauer, é a lei fundamental que governa a organização da experiência humana. Ele engloba tanto a causalidade (no âmbito do entendimento) quanto a intuição de tempo e espaço (agora também no entendimento). Essa unificação reflete a visão de Schopenhauer do mundo como um todo interconectado e moldado pela Vontade (Barboza, 2005).

Para Schopenhauer, conforme aponta Barboza (2005), a busca por uma significação última para os objetos, empreendida pelas ciências, é vista como um esforço infrutífero e até mesmo ilusório. Segundo o autor, o próprio escopo das ciências, limitado ao mundo fenomênico, as impede de alcançar a essência das coisas, a *coisa em si*. Embora as ciências se esforcem para desvendar os mecanismos e as leis que regem os fenômenos, elas se restringem àquilo que pode ser observado e medido. Essa limitação as impede de acessar a realidade em sua totalidade, relegando-as a uma descrição superficial e fragmentada do mundo. Schopenhauer argumenta que, se fosse possível reduzir tudo ao que aparece, ou seja, ao mundo fenomênico, a pergunta pela *coisa em si* perderia sentido. Entretanto, “partindo do conhecimento de si, por ele instruído, pode depois o sujeito que conhece também conhecer mediatamente a essência íntima em si de todas as demais aparências” (Schopenhauer, 2023, p. 39). Desse modo, ele afirma que a experiência humana nos revela algo além da mera aparência: a Vontade.

A Vontade é a força fundamental que impulsiona todo o ser. Ela é cega, irracional e incognoscível pelas ciências, que se baseiam na razão e no intelecto. A Vontade se manifesta em todos os níveis da realidade, desde os processos físicos mais básicos até os desejos e paixões humanas. Assim, ao se concentrarem apenas no mundo fenomênico, as ciências ignoram a Vontade, a essência fundamental da realidade. Essa ignorância as impede de alcançar uma compreensão completa e profunda do mundo, limitando-as a uma visão fragmentada e

superficial. Assim, as "forças" que se manifestam na multiplicidade de seres na natureza exibem características similares à Vontade que cada indivíduo experimenta em sua própria subjetividade. Essa semelhança o leva a concluir que a Vontade é a essência universal que une todos os seres, transcendendo as diferenças superficiais: "Toda representação, não importa seu tipo, todo objeto é fenômeno. Coisa-em-si, entretanto, é apenas a vontade" (Schopenhauer, 2005, p. 168-169).

O corpo humano, segundo Schopenhauer, serve como um portal para a compreensão da essência íntima da natureza. Através da experiência imediata da Vontade em si mesmo, o indivíduo pode obter um vislumbre da Vontade que permeia todo o universo. O autor enfatiza que sua metafísica se baseia na experiência humana possível, não em especulações abstratas ou deduções lógicas. A Vontade não é um conceito inventado pela razão, mas sim algo que emerge da consciência imediata do indivíduo (Monteiro, 2011).

O filósofo alemão esclarece que o termo Vontade não se refere a uma "grandeza desconhecida" ou a um conceito abstrato. Ao contrário, a Vontade é algo que nos é profundamente familiar, pois a vivenciamos diretamente em nossa própria existência. A Vontade é o nome que damos à *coisa em si*, à essência fundamental da realidade que transcende a aparência fenomênica. Ela nos revela uma verdade fundamental sobre a natureza da realidade: a identidade entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Essa identidade, acessível através da consciência imediata, subverte a dicotomia cartesiana entre mente e corpo e revela a unidade fundamental do ser (Monteiro, 2011).

Portanto, conforme aponta Barboza (1997), Schopenhauer propõe que a Vontade, a força fundamental que impulsiona todo o ser, transcende os limites do mundo fenomênico e se manifesta como algo completamente independente dos seus próprios fenômenos. Essa essência, que Kant denominou *coisa em si*, permanece inacessível às formas da representação humana, como o tempo, o espaço e a dicotomia sujeito-objeto.

O fato de ser transcendental coloca a Vontade em um estado sem *fundamento* quando relacionada ao tempo, ao espaço e à razão. Ela não possui causa ou explicação, pois não se submete aos princípios que regem o mundo fenomênico. Essa ausência de fundamento a transforma em um "abismo", uma vastidão infinita e sem limites, onde a razão humana se perde. A Vontade, nessa perspectiva, é "sem razão". Ela não se encaixa em nenhum sistema lógico ou racional, pois sua natureza transcende os limites da compreensão humana. Não há "porquê" para a Vontade, pois ela existe simplesmente por si mesma, em sua própria plenitude e independência. A caracterização da Vontade como um "abismo sem fundo" e "sem razão" revela a complexa e fascinante natureza da filosofia de Schopenhauer (Barboza, 1997).

Schopenhauer argumenta que a pluralidade, a mudança e a duração, características marcantes do mundo que percebemos, não pertencem à Vontade em si, mas sim às formas da representação que moldam nossa experiência. Em outras palavras, a multiplicidade e a transformação que observamos no universo são consequências da maneira como nossa mente organiza e interpreta a realidade, não da natureza intrínseca da Vontade (Monteiro, 2011)

Em vista disso, a Vontade não se sujeita ao fluxo do tempo ou às leis da causalidade. Ela opera em um plano atemporal, livre das limitações que constroem o mundo fenomênico. Essa atemporalidade e liberdade conferem-lhe um caráter absoluto e imutável. Ela, nessa perspectiva, se configura como o núcleo fundamental de tudo o que existe. Essa força impulsiona a vida em todas as suas formas, desde os processos físicos mais básicos até os desejos e aspirações humanas. É a essência que dá sentido e unidade à vastidão do universo (Schopenhauer, 2005)

As diferenças e particularidades que observamos no mundo fenomênico, como a multiplicidade de seres, a variedade de formas e a diversidade de experiências, não se originam da Vontade em si, mas sim dos seus próprios fenômenos. A Vontade, em sua essência unitária e indivisível, permanece imutável e indiferente às transformações do mundo fenomênico. (Oliveira, 2022)

A multidão de indivíduos, presa ao tempo e ao espaço, representa a fragmentação da Vontade em "fenômenos". A vastidão do mundo, com sua multiplicidade, só se aplica aos "fenômenos", não à Vontade em si, que é una e indivisível. Os fenômenos, como reflexos da Vontade, se fragmentam através de "*graus de objetivação*", criando a ilusão de diferenças. As diferenças entre os "fenômenos" não residem na Vontade, mas nos diferentes "graus de objetivação" (Schopenhauer, 2005). Dessa forma, o autor, ao afirmar que as diferenças ocorrem em função da objetivação, revela a essência una e indivisível da Vontade, transcendendo a fragmentação e as ilusões do mundo.

O conceito de "*graus de objetivação*" será o ponto chave para Schopenhauer como forma de averiguar como ocorre o processo de manifestação da Vontade vista a partir do sujeito cognoscente. A Vontade tem como principal característica a sua indivisibilidade, ou seja, ela não pode ser dividida de forma nenhuma, no entanto a partir de diversos graus de objetivação, sendo uma espécie de autoexposição, partindo do nível mais baixo de manifestação da Vontade, a partir do mundo inorgânico, até o nível mais alto que se encontra no reino animal, mais precisamente com o ser humano (Lins, 2018). Como o autor apresenta neste trecho:

[...] os diferentes graus de objetivação da Vontade expressos em inumeráveis indivíduos e que existem como seus protótipos inalcançáveis, ou formas eternas das coisas, que nunca aparecem no tempo e no espaço, médium do indivíduo, mas existem fixamente, não submetidos a mudança alguma, são e nunca vindo-a-ser, enquanto as coisas nascem e perecem, sempre vêm-a-ser e nunca são; os GRAUS DE OBJETIVAÇÃO DA VONTADE, ia dizer, não são outra coisa senão as IDEIAS DE PLATÃO (Schopenhauer, 2005, p.191 grifos do autor).

Na citação acima, Schopenhauer apresenta a Vontade como a essência fundamental do mundo, uma força una e indivisível que se manifesta em diferentes graus de objetivação. Cada indivíduo, com suas características únicas, representa um desses graus, um reflexo da Vontade em constante transformação. Em contraste à multiplicidade e efemeridade do mundo material, o filósofo nos convida a contemplar as Ideias de Platão. Para Oliveira (2022), essas entidades transcendentais, perfeitas e imutáveis, servem como modelos arquetípicos para os “*graus de objetivação da vontade*”. As Ideias, livres do tempo e do espaço, representam a essência pura das coisas, a forma ideal para a qual a Vontade se direciona em sua manifestação.

Conforme Barboza (1997), a relação entre os "graus de objetivação da Vontade" e as Ideias de Platão é marcada por uma constante tensão. As Ideias, eternas e imutáveis, jamais se manifestam completamente no mundo material. Os indivíduos, presos ao tempo e ao espaço, representam apenas aproximações imperfeitas dos arquétipos platônicos. Essa busca incessante pela perfeição, pela união com as Ideias, é a fonte de toda a dinâmica e do sofrimento no mundo. Em vista do exposto, a citação supracitada representa um pilar fundamental na filosofia schopenhaueriana. Ela sintetiza sua visão de mundo, na qual a Vontade, as Ideias de Platão e a realidade se entrelaçam em uma complexa dança de criação, sofrimento e busca pelo transcendental.

Ademais, a Vontade é a essência do mundo, a força motriz que impulsiona tudo o que existe. Essa força transcende a mera representação, permeando cada ser e cada evento, desde o mais simples átomo até as mais complexas formas de vida. Em muitos casos, pode-se ter a ilusão de que a ela não está presente, mas Schopenhauer faz a advertência: essa é apenas uma falsa impressão. A Vontade atua em tudo, mesmo onde sua ação não é evidente à primeira vista. (Oliveira, 2022)

Assim, Monteiro (2011) mostra que para desvendar a onipresença da Vontade, Schopenhauer propõe o uso da analogia. Através da análise de fenômenos mais próximos à compreensão, como a consciência humana, pode-se lançar luz sobre a natureza da Vontade em seus aspectos mais distantes e abstratos. Nas profundezas da matéria, encontra-se os graus mais baixos da objetivação da Vontade. Forças como a gravidade, a impenetrabilidade, a rigidez, a

fluidez, a eletricidade, o magnetismo e as propriedades químicas são todas expressões da Vontade em sua forma mais básica.

Nesse sentido, para Monteiro (2011) Schopenhauer faz um convite à observação da Vontade em ação. Essa mesma força que impulsiona o ser humano a agir com conhecimento e discernimento também opera de forma cega em nossos instintos e desejos mais básicos. Portanto, ao analisar a atuação da Vontade em seus diversos graus de objetivação, Schopenhauer revela sua natureza fundamental: uma força cega e implacável que impulsiona tudo o que existe, desde as leis da física até os processos biológicos e as ações humanas.

Seguindo a gradação ideacional, Schopenhauer vai além da visão simplista que limita a Vontade à esfera da razão humana. Ele demonstra que essa força fundamental se manifesta em diversos graus de complexidade, transcendendo os limites da consciência e da inteligência. Os instintos e impulsos que guiam os animais, desde a busca por alimento até a reprodução e a defesa do território, não são meras reações mecânicas. Segundo o autor, esses comportamentos representam a ação da Vontade em sua forma instintiva, impulsionando os animais a agir de acordo com seus desejos e necessidades.

Ao analisar os instintos animais, Schopenhauer destaca que suas ações não são guiadas por "motivos" no sentido humano do termo. Os animais não refletem sobre suas escolhas, não ponderam as consequências ou se baseiam em princípios racionais. Sua ação é impulsionada diretamente pela Vontade, revelando sua essência pura e cega. A jornada proposta por Schopenhauer nos leva a compreender a Vontade como uma força multifacetada que se manifesta em diferentes graus de complexidade. Desde os instintos básicos dos animais até a consciência humana complexa, a Vontade está presente, impulsionando a vida em suas diversas formas.

Percebe-se que na "hierarquia natural da objetivação da Vontade" (Schopenhauer, 2005, §26, p. 198), Schopenhauer apresenta um universo em constante transformação, no qual a Vontade, em seus diversos graus de objetivação, desde as forças da natureza até o ápice da objetividade representado pelo homem, se manifesta através de uma luta incessante pela matéria (Monteiro, 2011).

Conforme Schopenhauer (2005), a matéria, elemento fundamental para a manifestação das Ideias no mundo fenomênico, se torna um campo de batalha eterno. As Ideias, em sua busca por se concretizarem, travam lutas incessantes pela posse dessa matéria limitada. Nessa luta pela matéria, ora uma, ora outra Ideia adquire o "direito" de se manifestar, moldando a realidade de acordo com sua essência. Essa ascensão e queda das Ideias, essa constante transformação do mundo fenomênico, é impulsionada pela luta incessante pela matéria.

Nessa perspectiva, Oliveira (2022) afirma que para Schopenhauer a causalidade, como princípio fundamental do mundo fenomênico, determina o desenrolar da luta pela matéria. Uma "objetividade imediata superior", como um organismo complexo, só se manifesta no mundo fenomênico após tomar posse de uma quantidade de matéria que também luta por se tornar representação. Essa luta incessante pela matéria é a natureza fundamental da Vontade: uma força cega e implacável que impulsiona tudo o que existe. As Ideias, em sua busca por se manifestarem no mundo fenomênico, se submetem à Vontade, travando lutas pela posse da matéria para concretizarem seus desejos e necessidades.

Em vista disso, pode-se afirmar que “todo organismo é, ao mesmo tempo, inorgânico: ele guarda em si Ideias inferiores dominadas e assimiladas” (Barboza, 1997, p.54). No entanto, conforme já dito, ao alcançar um grau mais elevado de objetivação, a Vontade subjuga as formas inferiores, mas essa submissão é constantemente desafiada. As formas dominadas, apesar de subjugadas, nunca abandonam a luta por sua autonomia e por uma manifestação mais completa de sua essência. Por isso todo organismo trava uma luta com o inorgânico; “daí em geral o fardo da vida física, a necessidade do sono e, por fim, a morte” (Schopenhauer, 2005, p. 210). Como o diz o autor, não há vitória sem luta.

Em face do exposto, Barboza (1997) afirma que a incessante disputa pela matéria torna a existência um campo de batalha constante, marcado por vitórias e derrotas alternadas. Essa dinâmica revela a profunda divisão interna da Vontade, que se manifesta em diferentes formas (Ideias) sempre em conflito pela matéria, espaço e tempo. A natureza animal, cuja vida se sustenta pela morte de outros seres, exemplifica de forma clara essa discórdia essencial, como diz Schopenhauer: “a Vontade de vida crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é seu próprio alimento, até que, por fim, o gênero humano, por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como um instrumento de uso” (2005, p.211).

Ainda acerca da discórdia em questão, Schopenhauer (2005) apresenta dois exemplos contundentes para ilustrar a discórdia interna da Vontade. O primeiro envolve a formiga bulldog¹⁰, cujo corpo seccionado dá origem a uma luta frenética entre a cabeça e a cauda, culminando na morte de ambas. O segundo exemplo é a própria espécie humana, marcada por conflitos e violência. Para Barboza (1997), esses casos demonstram que a luta e a discórdia são características inerentes a todos os fenômenos, sendo um reflexo direto da natureza dividida e conflituosa da Vontade.

¹⁰ A formiga bulldog é uma espécie de formiga da Austrália que é considerada uma das mais perigosas do mundo.

Nesse ínterim, a constante luta entre diferentes níveis de existência resulta em uma hierarquia, cujas formas de vida mais complexas surgem a partir da dominação de formas mais simples. No entanto, de acordo com Barboza (1997), essa evolução traz consigo uma nova exigência: o conhecimento. Organismos mais complexos, ao contrário dos mais simples que reagem apenas a estímulos imediatos, precisam antecipar eventos e planejar suas ações para garantir a sobrevivência. Essa necessidade de conhecimento, segundo Schopenhauer, é fundamental para a existência de organismos mais desenvolvidos (Schopenhauer, 2005, p. 215). Portanto, conforme Barboza (2003), o conceito taoísta de *Tao* e a Vontade schopenhaueriana apresentam similaridades como princípios unificadores e primordiais. A polaridade presente tanto na filosofia de Schelling quanto na chinesa encontra eco na Vontade, que, apesar de una, se manifesta em diversas formas. A assimilação por dominação, nas quais formas superiores incorporam características de formas inferiores, criam um equilíbrio dinâmico dentro do conflito inerente à Vontade, evitando a supremacia definitiva de qualquer forma de vida.

3 A EXPERIÊNCIA HUMANA DA VONTADE

Neste capítulo, será exposto como Schopenhauer apresenta o conceito da Vontade dentro da existência humana, apontando como essa metafísica imanente se desdobra a partir da dualidade entre o sujeito cognoscível e o sujeito volitivo. Diante disso, a Vontade participa da vivência humana, sendo esta responsável pela conduta dos homens, e por sua condição de necessidade. Para o filósofo alemão, a Vontade como força cósmica devora a todos, impulsionando o ser humano ao querer insaciável que tem como efeito gerar sofrimento e dor, sendo este o maior elemento da experiência humana. Em vista disso, o autor constrói uma filosofia pessimista. Além disso, haverá de ser exposto a ética que será uma das formas de atenuar a dor da existência.

3.1 A Vontade como Princípio Único e Cego

No que fora abordado no capítulo anterior, a Vontade se expressa a partir das volições que são inerentes à natureza visível. Os animais são condicionados, por toda a vida, pela espécie. Todavia esta Vontade também se faz presente dentro do ser humano que é condicionado pelo seu corpo para o desejo e ao desgosto, além de a Vontade está presente originalmente em cada indivíduo, sendo necessário analisar de forma detalhada as nuances de suas implicações, pois o que torna mais complexo de se analisar dentro do ser humano, a Vontade, é devido à faculdade de razão que está presente e como tal possibilita a dissimulação (Schopenhauer, 2023). No entanto, Schopenhauer esclarece que a Vontade se expressa no ser humano a partir de suas experiências sensíveis, e quando se percebe como direcionado ao agir de acordo com as suas motivações, ou seja, através do querer. A primeira vez que Schopenhauer revela esta sua interpretação está em sua tese de doutorado na qual diz:

(...) o objeto imediato do sentido interno: o sujeito do querer, que é objeto para o sujeito cognoscente, e que com efeito, é dado apenas só em sentido interno, razão pela qual aparece unicamente no tempo, não no espaço, e também lá ainda, como veremos como uma significativa limitação” (Schopenhauer, 2019, p. 211).

Este é sujeito do querer, ou seja, corpo que é submetido aos condicionamentos da Vontade. Após esta análise Schopenhauer procura identificar como ocorre a interação entre a metafísica da Vontade com o sujeito. Como fora observado, existem dois tipos de análise de sujeitos que o filósofo alemão apresenta, um voltado à representação, ou seja, ao cognoscível e

o outro voltado à identidade do sujeito do querer, que está repousada na Vontade, ambos se referem à mesma pessoa que chamamos de *eu*, o autor considera como sendo um nó do universo. Afinal, Schopenhauer observa que:

(...) o, correlato subjetivo da primeira classe de representações é o entendimento, o da segunda é a razão, o da terceira é a sensibilidade, assim nós encontramos como o correlato desta quarta classe o sentido interno, ou em geral a autoconsciência (Schopenhauer, 2019, p. 317).

A partir desta autoconsciência, o ser humano como uma criatura racional se coloca diante de uma figura que se reconhece como detentora de volições, assim como os outros seres possuem volições. Todavia, somente dentro do homem existe esta percepção de si mesmo, exatamente pois, diferentemente das outras forças da natureza somente, a vontade não é reconhecida apenas fora, ou seja, a partir da exterioridade, porém a partir da interioridade de cada homem, que está emaranhado em seus sentimentos, motivações, afetos e desafetos. A Vontade como força impulsionadora como fora vista anteriormente é essência de todas as coisas. No entanto, não poderá ser confundida com qualquer forma de deidade visto que a vontade tem como uma de suas características ser desprovida de finalidade, sendo assim cega:

A vontade não é uma faculdade anímica posta sob controle do direcionamento e determinação da razão, senão que pelo contrário razão e intelecto são instrumentos da Vontade, ferramentas para a consecução de seus desejos: a essência metafísica do mundo não é um princípio ou fundamento racional, mas também não é onisciência e onipotência da Providência Divina. Mas uma força cega e irracional, eternamente insaciável além do bem ou do mal, como o são as forças da natureza. (Schopenhauer, 1939, *apud* Giacóia, 2021, p.11).

Diante disso, o filósofo germânico ressalta o que há de inédito dentro de sua filosofia, demonstrando que ao longo da história da filosofia a metafísica tinha sido compreensível somente pela via racional, onde a razão era única faculdade possível de ser a essência da humanidade. Todavia, dentro da filosofia de Schopenhauer esta investigação sobre a essência a partir da autoconsciência do corpo como Vontade que se apresenta como desejo e ímpeto, para somente depois atingir um estado reflexivo (Schopenhauer, 2015).

A partir deste conceito de consciência, Schopenhauer manifesta que somente o ser humano possui acesso privilegiado a entender sua existência, se admirando por esta condição natural, na qual em face da natureza mortal que o homem está submetido a finitude de sua existência (Schopenhauer, 2015). Para Schopenhauer, este processo de introspecção é que faz nascer, em seu âmago, o espírito do filosofar. Apesar deste fato, a relação entre a Vontade e

homem não está sob o controle da consciência, está sendo condenada ao querer, como ressalta Oliveira (2022), comparando a filosofia de Schopenhauer com o pensamento de Schelling:

Embora nesse quesito também possamos identificar outro ponto de aproximação entre Schelling e Schopenhauer, na proporção que a Vontade constitui o em-si real e independente da consciência, a forma como o segundo desenvolve e sustenta seu pensamento, unindo o idealismo transcendental ao materialismo das ciências naturais, mostra a enorme discrepância entre ele e os demais pensadores idealistas (p. 50- 51).

Neste sentido, Schopenhauer compreende que o conceito de Vontade é fruto de uma conciliação entre as áreas do idealismo transcendental kantiano e a materialismo da ciência naturais, principalmente a fisiologia. Dentro do homem, esta Vontade demonstra constantemente se afirmar diante dos sentimentos e pensamentos. A partir dos sentimentos esta força caótica se faz presente, ou seja, o macrocosmo dentro do microcosmo. Segundo o filósofo alemão, não há possibilidade de definir o querer, sendo este o mais imediato de todos os nossos conhecimentos (Schopenhauer, 2019). O querer faz parte da identidade humana e não humana. Apesar desta reflexão que o autor apresenta, a Vontade demonstra ser como essência, sendo uma força obscura, um impulso cego, irracional, inconsciente, indeterminado e livre (Machado, 2006).

Diante disso, Schopenhauer apresenta uma nova abordagem para a metafísica, sugerindo que o mundo e os objetos que percebemos externamente são manifestações da Vontade. Essas manifestações se revelam através de uma multiplicidade resultante das formas de espaço, tempo e causalidade, que influenciam a nossa maneira de conhecer (Bassoli, 2017). Afinal de contas, para o filósofo de Danzing, a Vontade humana se diferencia dos outros animais, pois, dentro do homem, a Vontade se autoconhece.

3.2 A Vontade como Fonte da Sofrimento

Neste sentido a partir do que fora abordado no capítulo anterior, é necessário que se compreenda que diante da característica da Vontade como geradora de afetos e de volições, se encerra por revelar uma necessidade constante, que nunca é saciada. A Vontade se manifesta como uma força voraz sendo insatisfação de um desejo que anseia constantemente por outro desejo. Ao desejo saciado denomina-se prazer de acordo com a Vontade e por sofrimento denomina-se uma agressão à Vontade (Monteiro, 2011). Devido a isso Schopenhauer observa que o desejo é falta, portanto sofrimento e dor. O desejo revela algo que necessitamos e cuja obtenção pode nos satisfazer e desta forma nos tranquilizar (Onfray, 2017).

Neste sentido Schopenhauer manifesta seu famoso pessimismo, mais precisamente o pessimismo metafísico em que consiste em uma forma de entender a Vontade como uma força propulsora de sofrimento e dor no mundo (Onfray, 2017).

A parte desta reflexão percebe-se que o pensador germânico assinala que a essência do mundo é também responsável por influenciar a vida negativamente dos seres vivos. Todos estão imersos em ciclos de prazer até a dor e logo em seguida voltando para o prazer, ou seja, ocorre o fato da residência ontológica (Onfray, 2017). Sob a perspectiva da Vontade, existe uma unidade fundamental entre todos os seres, desde a matéria inorgânica até o ser humano, que é o mais individualizado. Entretanto, isso não impede que a Vontade esteja envolvida em uma luta constante, em um combate incessante, em uma guerra contínua pela existência (Machado, 2006).

Segundo Schopenhauer, dentro do ser humano ocorre o sentimento natural de busca pela satisfação sexual, todavia este sentimento apenas se compromete em uma condução da Vontade (Monteiro, 2011). Em vista disso, o mundo imerge no sofrimento como condição ontológica do ser humano. Concluindo seu pensamento que o conceito de vida é uma constante alternância entre a dor e o tédio (Onfray, 2017). Na visão de Schopenhauer é impossível abordar a Vontade que expressa na vida sem considerar a mesma como fonte de dor e tédio, como ele destaca no parágrafo 148 na obra *Parerga e Paralipomena*:

Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contrassenso do mundo. Pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial à vida, de que o mundo está pleno, é sem sentido e puramente acidental. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, aquela para o prazer possui limites estreitos. (Schopenhauer, 2021, n.p).

De acordo com este fato, Horkheimer entende que, devido a esta condição humana, Schopenhauer se situa na história de forma inédita, pois desde Aristóteles o pensamento europeu fundamentou-se no princípio de que um ser, quanto mais real, efetivo, estável e eterno, maior seria a sua bondade e perfeição (Horkheimer, 2018). No caso da Vontade é ao contrário, apesar de sua infinitude e atemporalidade ela se situa como responsável pela inquietação que acarreta um esforço por algo, levando a necessidade, ansiedade, dor e desta forma o mundo visto a partir da Vontade é tão somente o mundo do sofrimento. Para o autor alemão ou existe dor ou existe tédio, por fim ou sofrimento do desejo insaciado ou tédio do desejo insaciado (Onfray, 2017).

O homem, como a manifestação perfeita da Vontade, é, conforme mencionado, o ser mais necessitado de todos. Ele é o desejo concretizado e a necessidade absoluta, representando

a realização de inúmeras carências (Schopenhauer, 2001). Embora o sofrimento esteja presente em todas as manifestações, é no ser humano que ele atinge seu ápice, devido à sua consciência e capacidade de conhecimento abstrato. Mesmo que a Vontade, momentaneamente envolvida em alegria e felicidade, se torne desprovida de objeto, ou seja, se uma satisfação, ainda que passageira, toma-lhe todo o motivo e querer, há o mergulho em um insuportável, vazio e tédio (Chevitarese, 2014).

Vale ressaltar que o conceito de tédio para Schopenhauer se define como uma "vontade desocupada", ou seja, o estado em que o homem, como Vontade, não tem um objetivo para perseguir ou um motivo para desejar, experimentando assim o "vazio pavoroso" e "o peso intolerável" de sua existência. "A vida, portanto, oscila como um pêndulo entre o sofrimento e o tédio." (Araquin; Laffite, 2007, p. 278). Como contrapartida da dor o tédio é responsável pela abundância e segurança, levando o indivíduo a um estado de inércia, ou seja, a pessoa que "menos possui" exteriormente enfrenta diariamente a falta e a carência, passando a maior parte do tempo tentando suprir suas necessidades mais urgentes. Por outro lado, a pessoa que "mais possui" externamente se torna facilmente vítima do tédio. (Chevitarese, 2014).

Em consonância disso, o tédio se apresenta como uma conexão paradoxal com a interioridade humana. Pois é definido pela ausência da necessidade de se descobrir, sendo assim oposto do sentimento de dor, que gera mais angústia. Portanto, existe uma conexão trágica da essência do mundo com a realidade voltada à condição humana decadente, segundo nas palavras de Schopenhauer:

No entanto, por mais que grandes e pequenas vicissitudes preencham qualquer vida humana e sempre a mantenham em constante desassossego e excitação, não conseguem esconder a inadequação da vida em satisfazer o espírito, nem escondem o vazio e a superficialidade da existência, muito menos o tédio que sempre está preparado para ocupar qualquer espaço deixado livre pela preocupação. Daí advém que o espírito humano, não contente o bastante com as preocupações, ansiedades e cuidados que lhe são postos pelo mundo real, criou ainda para si um mundo imaginário na figura de milhares de superstições, as mais variadas, ocupando-se com ele das mais diferentes maneiras, dispendendo desse modo tempo e força tão logo o mundo real lhe concede repouso (...) (Schopenhauer, 2005, p. 415).

Neste sentido, existe uma clarividente, relação causal entre o tédio e o vazio que para o autor consolida o surgimento de mitologias que tem como principal objetivo buscar remediar o sofrimento da humanidade. A Vontade de viver, evidenciada pelos embalsamamentos e/ou rituais religiosos relacionados à morte, individualiza-se no tempo, espaço e causalidade, resultando na necessidade de nascer e morrer; uma necessidade que não afeta a Vontade de

viver. Assim, quando um indivíduo morre, a Vontade não é afetada; é a espécie que importa para a natureza. Portanto, a natureza não hesita em permitir o desaparecimento do indivíduo (Monteiro, 2011).

Prosseguindo para diante desta dualidade que o mundo manifesta a toda os seres, o sofrimento é a condição ontológica mais marcante da filosofia schopenhaueriana. O homem em seu mais puro ser está destinado deste o início de sua vida ao sofrimento (Schopenhauer, 2005). A partir disso, como forma natural que o homem busca para enfrentar esta situação, a Vontade exige a propagação da espécie, pois justamente a partir dela ocorre o fato que denomina de conservação da espécie (Schopenhauer, 2005).

A humanidade, apesar de estar presa nas garras da Vontade e consequentemente ser vítima das emboscadas e incertas da vida, tem consciência de tal situação, mas ainda sim luta incansavelmente pela sobrevivência da sua espécie. E é exatamente esta luta perpétua que mantém os seres humanos de pé (Schopenhauer, 2005). No ser humano, a dor e a alegria, e consequentemente o egoísmo, atingem seu grau mais elevado e sua máxima intensidade, manifestando-se de forma violenta na luta entre indivíduos, no *bellum omnium contra omnes*¹¹ (Monteiro, 2011).

3.3 Dimensão ética

Dando prosseguimento, Schopenhauer observa que assim como a Vontade afeta empiricamente o íntimo do ser humano, ela também afeta a ética por meio de suas ações que influenciam a interioridade humana, como ressalta Debona:

(...) o § 28 de *O mundo como vontade e como representação*, lemos que o caráter do homem, que ali é tomado como algo abissal, sem-fundamento (*grundlos*) e na perspectiva das forças da natureza que objetivam a Vontade, “tem de ser estudado [...] por si mesmo”, isto é, de forma a não se restringir ao conhecimento do caráter da espécie humana, ao contrário do caso dos animais e de suas espécies (Debona, 2013, p. 34).

Diante disso, o autor discorre primeiramente sobre qual é o sentido da palavra liberdade que adquire um caráter negativo. Portanto, de acordo com o pensamento de Schopenhauer, nesse sentido mais fundamental de liberdade negativa, entendida como a ausência de obstáculos

¹¹ Guerra de todos contra todos.

físicos ou materiais para a realização da ação ou movimento ditado pela Vontade, tanto os humanos quanto os animais são geralmente considerados seres livres (Mota, 2015).

Uma segunda modalidade de liberdade identificada por Schopenhauer está na questão da liberdade intelectual que identifica como os atos voluntários e involuntários inseridos no pensamento, estas duas concepções de liberdades estão fortemente ligadas à concepção física. (Mota, 2015). No entanto, vale ressaltar que o filósofo germânico invoca a ideia de que não existe atos totalmente voluntários. Portanto, percebe-se que a filosofia de Arthur Schopenhauer manifesta uma compreensão ampla de uma única essência que permeia toda a realidade, sendo mais visível dentro do fenômeno que é a humanidade.

Schopenhauer, em sua profunda análise da condição humana, explora a noção de que a vontade individual, ao se identificar com as representações do mundo fenomênico, se aliena de sua verdadeira natureza. Essa alienação se manifesta na busca incessante por satisfazer desejos e na identificação com o ego, que é apenas uma construção mental. A identidade individual, portanto, torna-se uma ilusão, uma vez que a verdadeira essência do ser humano reside na Vontade universal. A busca por uma identidade autêntica se torna, assim, uma tarefa árdua, pois exige a superação dessa identificação com o ego e a compreensão da natureza profunda e única da Vontade em cada indivíduo. (Monteiro, 2011).

Para Schopenhauer, a Vontade é uma força cega, inconsciente e irracional que impulsiona todos os seres vivos, conforme discutido anteriormente. Ela é a raiz de todos os desejos, impulsos e ações, e sua natureza é essencialmente insatisfatória, pois é como um motor que nunca para de funcionar, sempre buscando satisfazer desejos que, uma vez realizados, dão lugar a novos. Essa busca incessante por satisfação gera um ciclo infinito de desejos e frustrações, levando ao sofrimento inerente à condição humana. (Schopenhauer, 2005). Pois:

A essência do mundo é vontade insaciável. A vontade é conflito e dilaceração e, portanto, dor. E a medida que o conhecimento torna-se mais distinto, e que a consciência se eleva, cresce também o tormento, que alcança no homem o grau mais alto, tanto mais elevado quanto mais inteligente o homem; o homem de gênio é o que sofre mais (Reale; Antiseri, 2005, p. 214).

Em vista disso, a Vontade, por sua natureza insatisfatória, condena os seres humanos ao sofrimento, o qual se manifesta de diversas formas: dor física, angústia psicológica, tédio, frustração etc. A vida é uma constante luta pela satisfação de desejos, mas essa satisfação é sempre temporária e ilusória. (Monteiro, 2011). Dessa forma, a morte, para Schopenhauer, é a única libertação do ciclo de sofrimento. Diante desse quadro pessimista, o filósofo propõe a negação da Vontade como caminho para a redenção, pois, ao negar a Vontade, o indivíduo se

liberta do ciclo de desejos e sofrimentos, alcançando um estado de paz e serenidade. Assim, essa negação da Vontade pode ser alcançada através da arte, da compaixão e da contemplação da natureza (Mann, 1981).

Em vista do exposto, observa-se que a filosofia de Schopenhauer oferece uma visão radicalmente pessimista sobre a condição humana. Ao colocar a Vontade como a raiz de todo o sofrimento, ele desafia as concepções otimistas sobre a vida e a natureza humana. Embora sua filosofia possa parecer deprimente, ela também oferece uma perspectiva única sobre a natureza da existência e um caminho para a libertação do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tendo em vista o percurso deste trabalho, compreende-se no sistema filosófico schopenhaueriano que a Vontade se faz presente dentro de toda a natureza, sendo considerada uma força que condiciona todos seres vivos. O cosmo é Vontade e ninguém escapa de suas “garras”.

No entanto, ao longo deste trabalho verificou-se que a argumentação de Arthur Schopenhauer começa a partir do legado deixado por Kant, na divisão fenomênica do mundo, diferenciando o ideal do real, aparência da essência. Esta observação é necessária para a edificação de todo o pensamento schopenhaueriano. Prosseguindo a partir da dualidade do mundo, o filósofo germânico infere que a relação entre sujeito e objeto efetuada por Kant estará em pleno acordo com o mundo fenomênico. Neste mundo ocorre uma relação simultânea entre estes dois elementos, que a partir da observação e dos sentidos, inerente aos animais, haverá a criação daquilo que denomina *representação*.

Desse modo, esta representação será observada como a primeira fonte de conhecimento que todo ser vivo compreende da realidade. Estando esta, localizada no mundo ideal, pois ela fora produzida pela faculdade de entendimento. Além disso, demonstrou-se que este idealismo transcendental, compreendido pelo autor como representação se subdivide em três formas uma chamada representação empírica, representação abstrata e representação intuitiva pura. Na qual estes são caracterizados como processos dos conhecimentos, que partem do empírico, e chegam à formulação de conceitos feita pela razão. Ademais, Schopenhauer instaura a sua compreensão de representação como um modo de olhar para o mundo, sem poder entendê-lo em sua completude. O real é algo que se apresenta a nossa consciência como algo aparente, e ilusório. A fim de resolver este problema, o autor mergulha no conceito de coisa em si que encerra em entender a veracidade da realidade. Da mesma forma, o autor identifica a própria Vontade como coisa em si. Esta se qualifica como essência imanente a toda a realidade. A partir disso, Schopenhauer apresenta um olhar distinto sobre a filosofia Ocidental, pois propõe um princípio metafísico irracional, no sentido de ser ausente de finalidade última.

No entanto, esta força cósmica desenfreada reforça, ainda mais as angústias, sendo esta cúmplice de gerar insatisfação nos seres vivos. Para Schopenhauer, a vida é dor pois justamente a Vontade engendra descontentamento, devido a busca incessante pela sobrevivência e prazer que alivia os tormentos que cada animal experimenta. Observa-se que no homem em virtude de ser um animal racional, dotado tanto de entendimento como de razão, fica manifesto que o homem nunca se satisfaz completamente com aquilo que um dia alcançou. Em consideração a

isso, fica evidente o pêndulo que rodeia a vida, entre o sofrimento e o vazio do tédio. Provindo a fundamentação sustentada por Schopenhauer do pessimismo metafísico.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário filosófico**. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo. Martins fontes, 2007.

ARAQUIN, N.; LAFFITTE, J. **Dicionário Universitário de filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOZA, J. **Schopenhauer**: a decifração do enigma do mundo. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

BARBOZA, J. **Schopenhauer**. Editora Jorge Zahar Editor. São Paulo. 2003 (Coleção Passo a Passo).

BARBOZA, J. **Infinitude subjetiva e estética**: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

BASSOLI, S. A filosofia como decifração do enigma do mundo. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**, Santa Maria. v.8, n.2. p. 15-27, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33579>. Acesso em: 29-01-2025.

CACCIOLA, M. L. (1983). Schopenhauer e a crítica da razão. A razão e as representações abstratas. **Discurso**. v.15, p. 91-106, 1983. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37913>. Acesso em: 29-01-2025.

CHEVITARESE, L. Considerações sobre o tédio em Schopenhauer e Fernando Pessoa: convergências e dissonâncias. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**. Estudos sobre Schopenhauer. v.5, n.2. 2014, p. 21-33. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33921>. Acesso em: 29-01-2025.

DEBONA, V. Um caráter abissal - a metafísica schopenhaueriana da Vontade como caracterologia. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**: Estudos sobre Schopenhauer. v. 4, n.1, 2013, p. 33-65. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33988>. Acesso em: 29-01-2025.

HORKHEIMER, M. A atualidade de Schopenhauer. Tradução de Lucas Lazarini Valente. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**. Santa Maria. V. 9, n. 2, jul/dez. 2018, p. 190-208. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36126>. Acesso em: 29-01-2025

HOFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEITE, F. T. **10 lições sobre Kant**. 9ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Coimbra: Editora Fundação Calouste Gulbekian, 2001

MEYERS, R. G. **Empirismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017

MACHADO, R. **O nascimento do trágico de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

MANN, T. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. São Paulo: Martins, 1981.

MESQUITA, F. L. **Schopenhauer e o Índia**: Apropriações e influências da *Asiatisches Magazin*, *Mythologie des indous* e *Asiatick Researches* no período de gênese da filosofia schopenhauriana. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MONTEIRO, F. J. S. **Dez lições sobre Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOTA, R. Caráter e liberdade da vontade em Arthur Schopenhauer. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**, v. 6, n.1, p. 155–170, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33866>. Acesso em: 29-01-2025.

OLIVEIRA, A. H. M. V. **Materialismo Agônico**: corpo, mente e matéria na Filosofia de Schopenhauer. Teresina: IFPI, 2022.

ONFRAY, M. **As radicalidades existenciais**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia 5: do romantismo ao Empiriocriticismo**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005.

REALE, M. **Introdução a filosofia**. São Paulo. Saraiva. 2002.

SCHOPENHAUER, A. **Schopenhauer**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Os pensadores).

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente**: Uma dissertação filosófica. Campinas. Editora Unicamp. 2019.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como vontade e representação**. Tomo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como vontade e representação**. Tomo II. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, A. **Parerga e paralipomena**: pequenos escritos filosóficos. [S.L]: Lebooks Editora, 2021.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica da natureza**. São Paulo: Ed. Unesp, 2023.

SIMMEL, G. **Schopenhauer e Nietzsche**. Tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. 2011.

SOARES, D. Q. F. **A função do corpo na filosofia de Schopenhauer: conhecimento, metafísica e o problema da Coisa em si**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-23032010-124103/pt-br.php>. Acesso em: 2025-01-28.

SOUZA, E. R. C. **Schopenhauer e os conhecimentos intuitivo e abstrato**: uma teoria sobre as representações empíricas e abstratas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

